

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA**

MICHELE RODRIGUES DA ROCHA

OS ESPAÇOS DE ARTE NAS ESCOLAS: ATELIÊ E LOCAL DE EXPOSIÇÃO

CRICIÚMA-SC

2016

MICHELE RODRIGUES DA ROCHA

OS ESPAÇOS DE ARTE NAS ESCOLAS: ATELIÊ E LOCAL DE EXPOSIÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciada no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof. (a) Ma. Izabel Cristina Marcilio Duarte

CRICIÚMA-SC

2016

MICHELE RODRIGUES DA ROCHA

OS ESPAÇOS DE ARTE NAS ESCOLAS: ATELIÊ E LOCAL DE EXPOSIÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciada, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 23 de novembro de 2016

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Izabel Cristina Marcílio Duarte - Mestre em Educação (UNESC) - Orientadora

Prof^a. Aurélia Regina de Souza Honorato - Doutora em Ciências da Linguagem -
(UNISUL)

Prof^a. Odete Angelina Calderan - Mestre em Artes Visuais (UFSM/RS)

Dedico esse trabalho a minha família, a D'Artagnan Graeff Costamilan e a meu filho amado Vincent Rodrigues Costamilan com muito carinho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me dado saúde, força e perseverança para superar as dificuldades, pois sem sua força eu não teria chegado até aqui.

Agradeço também a esta universidade, seu corpo docente, coordenação e administração que oportunizaram este sonho, em especial a Rose e a Eliana pela presteza, competência e carinho que tem com os acadêmicos do curso.

Agradeço a Prof^a. Katuscia Angélica, pelas conversas, carinho e apoio. A Prof.^a Edina Baumer por sua energia positiva, o seu carisma, sua presteza e competência. Ao Prof. Marcelo Feldhaus por seu apoio, encorajamento e carinho.

Em especial quero agradecer a Prof.^a Silemar Maria de Medeiros, que me deu a oportunidade de ser sua bolsista PIBID, no qual agregou conhecimento a minha formação acadêmica. Agradeço por ter sido tão maravilhosa, pelo seu carinho, preocupação e dedicação. Agradeço também as/os colegas bolsistas do PIBID pelo companheirismo.

Agradeço também as Professoras Edite Volpato e Odete A. Calderan, que me oportunizaram fazer parte do projeto Museu da Infância, onde tive experiências incríveis no CRAS, onde o Museu da Infância desenvolveu seus projetos. E as minhas colegas que fizeram parte desse projeto, Gabriela e Sandreia por suas contribuições.

Agradeço a Prof.^a Aurélia Honorato que orientou meu grupo no estágio IV, por seu incentivo, carinho e dedicação, e as minhas colegas desse estágio, Ana Bosa, Roselaine e Giodete pela parceria.

Agradeço a minha querida e amável orientadora Izabel Cristina Marcilio Duarte, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos, pelos seus conselhos, pela confiança, presteza, pelo carinho e por sua paciência.

Agradeço a todos os professores/as do curso que não foram aqui citados, mas que desempenharam com dedicação as aulas ministradas. Agradeço a todas/os colegas de classe que fizeram parte da minha vida acadêmica. No companheirismo na realização dos trabalhos, e na contribuição de cada um.

Agradeço pelo companheirismo do pai do meu filho D'Artagnan Graeff

Costamilan, obrigada por sua ajuda. Agradeço a meu amado filho Vincent Rodrigues Costamilan, por ser esse ser tão maravilhoso, um anjo que passa as tardes assistindo Disney Junior enquanto escrevo o TCC.

Agradeço a Walt Disney ter desenhos tão bons, educativos e sem violência para as crianças assistirem. O qual proporcionou momentos de descontração a meu filho. Ao meu irmão Jonas pelas conversas e conselhos, aos meus pais, e a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

“Ensina-se a gostar de aprender arte com a própria arte, em uma orientação que visa à melhoria das condições de vida humana, em uma perspectiva de promoção de direitos na esfera das culturas (criação e preservação), sem barreiras de classe social, sexo, raça, religião e origem geográfica.”

lavelberg

RESUMO

O presente trabalho intitulado “Os espaços de arte nas escolas: ateliê e local de exposição” tem como objetivo analisar como é o espaço utilizado para o ensino da Arte nas escolas que dispõem de ateliê e espaços de exposição, e a sua contribuição para a formação do aluno, buscando fazer uma comparação do ensino da Arte nas escolas que não dispõem de sala específica, e a falta de um local para expor as produções artísticas dos alunos. Se a prática educativa em sala (ateliê) torna-se mais significativa, buscando identificar se há fragilidade no ensino na ausência de salas específicas para arte. O projeto se insere na linha de pesquisa Educação e Arte e caracteriza-se por sua natureza básica, de abordagem exploratória e qualitativa. Tendo como problema de pesquisa: Os espaços de arte, ateliê e espaços de exposições nas escolas contribuem para mudanças na formação crítica, estética e sensível dos alunos? Buscando responder o problema foi aplicado um questionário a oito professores (as) das escolas municipais de Sombrio-SC. Onde se conclui que a sala (ateliê) é importante para a aula de Arte, e que o local apropriado para expor as produções dos alunos propicia a troca de experiência entre os alunos e a valorização das produções artísticas, aguçando o olhar estético sensível e o senso crítico. Para corroborar com a pesquisa trouxe como referencial teórico Santaella (2001), Leite (2005) e Barbosa (1991).

Palavras-chave: Ensino da Arte. Ateliê. Espaço Exposição.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PMC Prefeitura Municipal de Criciúma

PIBID Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 O ENSINO DA ARTE NO BRASIL: A SUA DESVALORIZAÇÃO E A FALTA DE AMBIENTE APROPRIADO PARA AULA DE ARTE	13
3 A ARTE E O DESENVOLVIMENTO DO SENSÍVEL	19
3.1 A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO ESTÉTICA NA FORMAÇÃO DO SUJEITO	21
3.2 A ARTE COMO PROVIDORA DO SENSO CRÍTICO	24
4 O ESPAÇO ATELIÊ NA ESCOLA	27
4.1 O ESPAÇO DE EXPOSIÇÃO DE ARTE NA ESCOLA.....	30
5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	33
6 PROJETO DE CURSO	38
7 CONCLUSÃO	41
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICE (S)	46
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO	47
ANEXO (S)	48
ANEXO A - AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA	49
ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO	50

1 INTRODUÇÃO

Durante as fases do curso de Artes Visuais – Licenciatura, (UNESC), Localizado no Bloco Z, e as disciplinas percorridas, algumas delas têm como foco a produção artística, estas são ensinadas em salas ateliês específicas para cada linguagem. Pude observar que os ateliês de pintura, de escultura, de serigrafia, de fotografia, de gravura e as salas de teatro e dança, possuem características e finalidades diferentes e todas com a mesma energia envoltória, nos convidando a vivê-las e a experienciar nos motivando a criar. Pude aprender com estes espaços, testar materiais, experimentar e descobrir em mim habilidades que eu desconhecia. Uma experiência que nunca havia tido antes, nem mesmo na escola com as aulas de Arte tive algo parecido. Pois na época que estudei na escola da praia, os recursos para materiais de artes eram poucos, a falta era de ambos. A aula de Arte era a que mais me interessava, porém como os recursos eram poucos, usar tintas, pinceis argila era complicado. A escola não tinha como fornecer os materiais para os alunos que não tinham e poucos colegas podiam comprar. Portanto não tive experiência com tintas e argila nas aulas de Artes. Mas pude vivenciar em minha primeira infância como é misturar-se no barro em um dia de chuva e depois criar bolinhas e pratinhos, (mas isso foi em outra cidade quando eu tinha cinco anos).

Ao me mudar para Balneária Gaivota SC, pude ter outras experiências com um ambiente bem diferente ao anterior que tinha rio com água cristalina, árvores bichos e a sensação de morar em uma floresta. A praia, por sua vez tem um clima gostoso, as dunas, o mar e sua areia clara me envolveram em novas descobertas.

As aulas de Artes se resumiam a cópia (observação) de um desenho que era exposto no quadro, desenho livre, o autorretrato, e as datas comemorativas. É triste ver que em algumas escolas isso ainda vem acontecendo. Porém hoje existe muitos professores/as de Arte que se dedicam a levar a arte para os alunos, mesmo que as escolas não ofereçam condições apropriadas. A falta de ambientes como: ateliê e local para exposição nas escolas existem por não saberem a relevância desse ambiente para a prática de arte. Em razão disso trago o seguinte questionamento: Os espaços de arte, ateliê e espaços de exposições nas escolas promovem mudanças na formação crítica, estética e sensível dos alunos?

Pensando em como as aulas seriam mais produtivas, diversificadas e criativas procurei nas escolas respostas sobre a importância de se ter espaços de arte. E busquei analisar se a falta de um local apropriado como ateliê, para o ensino da Arte, interfere no processo de criação e de aprendizagem da arte. E também se, seria relevante ter um espaço para a exposição nas escolas e se poderiam contribuir para melhor compreender e valorizar a arte.

[...] para resolver a dificuldade, formulada no problema, o pesquisador não pode “apenas adivinhar, fazer suposições gratuitas ou emitir opiniões superficiais e inconscientes”, mas deve realizar sua busca através de levantamento de dados, através de um método coletâneo ao quadro teórico de referência e também adequado à dificuldade a ser resolvida. (SANTAELLA, 2001, p.113).

Como objetivo geral a pesquisa busca analisar como é o espaço utilizado para o ensino da Arte nas escolas que dispõem de ateliê e espaços de exposição, e a sua contribuição para a formação do aluno, buscando fazer uma comparação do ensino da Arte nas escolas que não dispõe de sala específica, e a falta de um local para expor as produções artísticas dos alunos.

Tendo como objetivos específicos analisar a prática educativa em arte, se há maior interesse pela arte, a relação do aluno com o professor/a da disciplina, se a prática educativa torna-se mais significativa, e buscando identificar se há fragilidade na ausência de locais específicos para a aula. Entende-se por pesquisa a busca minuciosa para uma resposta, a busca por conhecimento sobre um determinado assunto. Segundo Santaella (2001, p.187):

Tanto quanto qualquer outra coisa, a pesquisa teórica também depende de uma grande coleta de dados, com a diferença de que esses dados são ideias, conceitos, categorias que têm de ser manipulada, técnica, criativamente e, sobretudo, metodologicamente.

O projeto se insere na linha de pesquisa Educação e Arte do curso de Artes Visuais - Licenciatura, da UNESC. A presente pesquisa caracteriza-se por sua natureza básica e sua forma de abordagem é qualitativa e exploratória, conforme Santaella (2001, p.144) define:

[...] o domínio e as modalidades do que se chamava de análise de conteúdo ampliaram-se, absorvendo abordagens qualitativas, quer dizer, interpretativas, das unidades dos sentidos, das relações entre elas e do que ela emana. Não obstante neste sentido estrito, a pesquisa qualitativa

acabou por desenvolver autonomia própria, podendo se referir a todas as pesquisas que privilegiam a interpretação dos dados, em lugar a sua mensuração.

Quanto aos procedimentos técnicos é uma pesquisa de estudo de campo, pois se buscou informações na Secretaria Municipal de Educação, de Sombrio- SC, determinando o número de escolas no município. E para obter as informações necessárias e alcançar os objetivos da presente pesquisa foi aplicado um questionário que está em anexo (Apêndice 1), aos professores de Artes das Escolas Municipais de Sombrio -SC. E também buscando determinar um número de escolas que dispõem de sala específica para aula de Arte, e as escolas que não tem sala específica.

No capítulo 2 “O ensino da Arte no Brasil: a sua desvalorização e a falta de ambiente apropriado para aula de arte”, descrevo sobre a importância da arte para o desenvolvimento humano. A trajetória do ensino da Arte no Brasil, suas perspectivas e conquistas ao decorrer da história. Mudanças na lei que ocorreram no seu ensino, à proposta curricular, a desvalorização da arte como disciplina que ainda persiste. E a falta de ambientes propícios para o ensino da Arte nas escolas.

O capítulo três “A arte e o desenvolvimento do sensível”, faço uma breve elucidação de como a arte é relevante para o desenvolvimento do sensível, por meio de várias linguagens que ela possui. No sub capítulo 3.1 “A importância da educação estética na formação do sujeito”, falo da estética e sua contribuição para a compreensão da realidade, e a forma individual de ver e perceber o que esta a mostra, sem precisar de uma explicação lógica. De como a experiência estética o homem apreende o mundo de maneira total. No sub capítulo 3.2 “O senso Critico”, faço uma breve explanação do conceito de senso critico e senso comum, e como a arte propicia no desenvolvimento do senso critico.

No capítulo 4 “O espaço ateliê na escola”, falo sobre a relevância que o espaço ateliê tem para a criatividade e a motivação para as produções artísticas. Devido às infinitas experiências que o aluno pode ter nesse espaço. No sub capítulo 4.1” O espaço de exposição de arte na escola”, falo como são expostas as produções artística e, a falta do espaço próprio para exposição. E a importância de ter locais expositivos na escola.

No capítulo 5 “Análise de dados”, como já mencionado, trago as entrevistas com os questionários aplicados as 8 professores da rede municipal de Sombrio -SC. Com a discussão que teve como foco, o espaço ateliê nas escolas.

No capítulo 6 “Projeto de Curso”, como a intenção desse projeto é a de beneficiar o aluno proporcionando um ensino com mais qualidade nas aulas de Artes, será desenvolvido no projeto de curso uma palestra para os professores (as) de Artes, com a direção da escola e os coordenadores da secretaria de educação, para falar da importância de se ter espaços de artes nas escolas, seus benefícios tanto para os alunos como para toda comunidade escolar.

No capítulo 7 “Conclusão”, está é a parte onde concluo essa pesquisa.

2 O ENSINO DA ARTE NO BRASIL: A SUA DESVALORIZAÇÃO E A FALTA DE AMBIENTE APROPRIADO PARA AULA DE ARTE

A arte pode ser um dom ou um refúgio da alma, sendo expelida por pessoas que se sentem incompletas, sentem um vazio dentro de si, uma ânsia por algo que as complete, sendo a arte a essência que as completa. Essa pode ser uma reflexão um tanto poética, mas como descrever a arte, como defini-la em uma única palavra sendo ela tão complexa. No Novo Dicionário Aurélio (FERREIRA, 1999, p.204) o conceito de arte é descrito como:

[...] atividade que supõe a criação de sensações ou de estados de espírito, de caráter estético, carregados de vivência pessoal e profunda, podendo suscitar em outrem o desejo de prolongamento ou renovação [...] a capacidade criadora do artista de expressar ou transmitir tais sensações ou sentimentos [...].

A arte sempre teve a sua importância para descrever a história da humanidade, encontrada nas pinturas rupestres, sendo o primeiro e mais antigo registro do cotidiano do homem na terra, e também da sua cultura. Tornou-se um dos meios mais significantes para as manifestações da cultura humana, de diversos povos que habitam nosso planeta. O homem na terra foi evoluindo, e em cada continente habitado desenvolveu suas crenças, seus costumes, hábitos e características diferentes. Formando grupos de sociedades, aprimorando seus conhecimentos, dividindo-se em diversas áreas dos continentes. Das aldeias surgem os vilarejos até as grandes cidades, nomeando-as e ornamentando-as com a arquitetura. Leis foram criadas, normas e rotinas estabelecidas, cada homem exercendo uma função desenvolvendo seu trabalho e aprimoram o conhecimento. Assim, gerações se passaram, cidades foram crescendo, alguns países se tornaram grandes potências e outros parecem ter parado no tempo. Surgiu às tecnologias e em pouco tempo é inserida basicamente em tudo que o homem manipula. E assim gerações vão passando e sendo esquecidas e o que fica para contar sua história são os registros de sua cultura que ficaram gravados no tempo. Como nos grandes monumentos arquitetônicos das grandes pirâmides, como: da esfinge de Gizé do Egito, das pinturas e esculturas. Percebe-se que a arte sempre esteve presente no ser humano desde os primórdios. Sendo objeto de estudo sobre o desenvolvimento

do ser humano e praticada por grandes mestres do passado como Leonardo da Vinci. Como afirma Duarte Junior (1981, p.15):

A arte é sempre produto de uma cultura e de um determinado período histórico. Nela se expressam os sentimentos de um povo com relação às questões humanas, como são interpretadas e vividas em seu ambiente e em sua época.

Mas, mesmo a arte sendo tão significativa para o desenvolvimento humano, inclui-la como disciplina de conhecimento no currículo escolar não foi uma tarefa fácil, no Brasil o ensino da Arte passa a ser incluído no currículo escolar em 1920, apenas como atividade integrada. Na Proposta Curricular de Criciúma-SC (2008, p.105), diz:

Podemos destacar inicialmente a criação da disciplina de Educação Artística a partir da lei 5692/71 como referencial histórico da organização curricular do Ensino de Artes nas escolas públicas brasileiras. Ainda enfatizar que é neste momento que se inicia a formação de professores especificamente para a área de Artes, a partir da criação das licenciaturas em Educação Artística.

Sendo incluída somente no currículo escolar em 1971, através da lei de Diretrizes Bases da Educação Nacional, com o nome de Educação Artística, sofrendo ameaça de ser excluída em 1988.

No Brasil, como vemos nem a mera obrigatoriedade nem o reconhecimento da necessidade são suficientes para garantir a existência da Arte no currículo. Leis tão pouco garantem um ensino/aprendizagem que torne os estudantes aptos para entender a Arte ou a imagem na condição pós-moderna contemporânea. (BARBOSA, 2003, p.14).

Neste contexto histórico a arte no Brasil passou por diversas modificações. E não mediu esforços para provar o seu valor as demais disciplinas, sendo quase excluída, não fraquejou perante as dificuldades acerca dos questionamentos duvidosos sobre o seu valor educacional. Enquanto disciplina, manteve-se inserida até hoje no currículo escolar com alguns avanços. Variando as orientações metodológicas e o aprofundamento dos conteúdos, percorrendo todos os níveis da Educação Básica. De acordo com a Proposta Curricular da Rede Municipal de Criciúma (2008, p.115):

Compreendendo o Ensino de Artes como disciplina do currículo escolar responsável pela ampliação da experiência estética dos/as educandos/as, destacamos que na Educação Infantil os/as educandos/as tem seus primeiros contatos com o saber artístico sistematizado. Neste momento o/a professor/a de Arte tem como objetivo estimular os processos de criação, interpretação e reflexão. As atividades lúdicas e os jogos devem perpassar todos os processos de aprendizagem, da infância à idade adulta; no entanto, é na infância que a escola enfatiza as atividades que estimulam a ação lúdica, a qual articula os conhecimentos de maneira prazerosa.

Exigem, do professor/a, o desenvolvimento do aluno em cumprimento aos objetivos que o ensino da Arte propõe nas novas diretrizes. Mas, não há colaboração necessária do poder público para que o professor/a tenha condições para desenvolver a arte com os alunos. Desvalorizando-a enquanto disciplina.

Portanto, os poderes públicos, além de reservarem um lugar para a Arte no currículo e se preocuparem de como a Arte é ensinada, precisam propiciar meios para que os professores desenvolvam a capacidade de compreender, conceber e fruir a Arte. Sem a experiência do prazer da Arte, por parte de professores e alunos, nenhuma teoria de Arte-Educação será reconstrutora. (BARBOSA, 2003, p.14).

Sem entender a importância da arte para o desenvolvimento do aluno, algumas pessoas que não tem essa compreensão, pensam que a aula de Artes nas escolas é deixar os alunos fazerem a copia de uma obra, ou deixar os alunos criarem, simplesmente por criar. Em decorrência dessa maneira de pensar sobre, alguns comentários são feitos, como: “Para que serve a aula de Artes? Essa disciplina não tem tanta importância, meu filho deveria ter mais aula de Português e Matemática no lugar das aulas de Artes”!

Portanto ainda há escolas que a arte vem se arrastando, tornando-se desinteressante. Como uma disciplina irrelevante para os olhos de pais e alunos. De modo, que esse desinteresse vem de professores/as desanimados com o sistema de educação no Brasil. Além, de não haver um suporte completo para um ensino de qualidade nas escolas, professores/as lidam constantemente com a desvalorização do próprio professor/a independente da disciplina em que leciona.

Tourinho (2003, p.28), afirma que “a hierarquia do conhecimento escolar - explícita e implícita - ainda mantém o ensino de Arte num escalão inferior da estrutura curricular; porém, felizmente, não decreta o seu falecimento.” Ainda enfatizando algumas questões para uma reflexão conjunta do ensino da Arte nas escolas, Tourinho (2003, p.29) nos fala que:

Fora das salas de aula, professores e professoras são avaliados, cobrados e “medidos” pela capacidade de satisfazer expectativas que pouco tem a ver com as condições internas de seu trabalho. Nas salas, professores sobrevivem com o que tem e podem fazer, enfrentando a ausência de condições mínimas que lhe dariam prazer e engajamento para realizar sua parte na formação educacional dos alunos e, neste caso, na sua formação cultural e artística.

O ensino da Arte ainda é considerado uma disciplina jovem, pois não faz muito tempo que se tornou obrigatória no currículo escolar. Mas, considerando toda sua trajetória ao longo destes anos até chegar onde está, diria que, é tão antiga quanto a “Primeira Missa”, em 1500, que foi um marco para o início da história do Brasil, e também retratada por Victor Meirelles em 1860. De modo que, atualmente vivemos um novo tipo de sociedade, em um país que é multicultural e tem sua cultura modificada ao passar dos tempos.

Entretanto, muitas escolas ainda não dispõem de sala específica para o ensino da Arte, e os materiais simples que estão disponíveis, como: tintas, pincéis, giz de cera, lápis de cor, canetinha, são bem escassos e na maioria das vezes de má qualidade. Tornando o trabalho do professor também limitado. Se as condições básicas para o ensino da Arte são tão limitadas, tão pouco teria nas escolas salas (ateliê) e espaços de exposição para a produção dos alunos. Atualmente no Brasil isso se torna uma raridade nas escolas. E assim, professores desmotivados pelo sistema de ensino, se tornam ultrapassados nas suas didáticas, deixando de produzir aulas criativas valorizando e evidenciando o processo do aluno. Segundo Barbosa (2003, p.14):

Em minha experiência tenho visto que as Artes Visuais ainda estão sendo ensinadas como desenho geométrico, seguindo a tradição positivista, ou continuam a ser utilizadas principalmente nas datas comemorativas, na produção de presentes muitas vezes estereotipados para o dia das mães ou dos pais. A chamada livre-expressão, praticada por um professor realmente expressionista ainda é uma alternativa melhor que as anteriores, mas sabemos que o espontaneísmo apenas não basta, pois o mundo de hoje e a Arte de hoje exigem um leitor informado e um produtor consciente.

Priorizar condições adequadas para o ensino da Arte estaria proporcionando um ensino de qualidade gerando maior interesse por parte dos alunos e futuramente uma compreensão e aceitação maior das diferentes

linguagens . “O papel da arte na educação é grandemente afetado pelo modo como o professor e o aluno veem o papel da arte fora da escola.” (FRANGE, 2003, p.45 apud BARBOSA, s.d., p.91-3). Essa forma de pensar ocorre por falta de conhecimento, de pessoas que não tiveram interesse ou chance de ter esse conhecimento. E a forma de levar o conhecimento da arte a estas pessoas vem de dentro das escolas, na forma como a arte é inserida no ambiente escolar. Deixar a escola em contato com a arte, transparecer a arte de dentro para fora dos muros das escolas. Sobre isso Tourinho (2003, p. 29) afirma, “sob a orientação dos professores e numa situação coletiva, é no espaço das salas de aula que o conhecimento selecionado pela escola pode vir a expandir e a restringir a experiência dos alunos.”

Seria relevante levar em conta a importância de se ter espaços para a exposição de arte nas escolas, expor as produções artísticas dos alunos para, promover o senso crítico, estético e cultural de cada aluno. Espaços de arte nas escolas, como: ateliê, local para exposição e salas de teatro, promoveriam melhor compreensão e valorização do ensino, contribuindo para a formação cultural dos alunos.

Enfrenta-se, ainda, no campo da educação escolar, a desvalorização da área de Arte, em função do preconceito de toda a ordem. Não se compreende o conhecimento artístico-estético como um campo propício para a inserção do aluno no universo artístico-cultural. (MAGALHÃES, 2003, p.163).

Poderia assim dizer que a falta de salas específicas para aula de Arte, assim como a inexistência de local para exposição, estariam interferindo no processo de criação e de aprendizagem da arte? Uma sala ateliê para as aulas proporcionariam aos alunos uma vontade construtiva maior para criar, para desenvolver, para pesquisar e experimentá-la? Enquanto um local de exposição na escola proporcionaria a participação do espectador (aluno), corporal, tátil, estético, visual, crítica e analítico. Ou seja, tornaria os alunos capazes de entender a arte e vivê-la de forma mais intensa, além de haver troca de experiências. “Só um saber consciente e informado torna possível à aprendizagem em Arte.” (BARBOSA, 2003, p.17).

Vê-se, então, a importância do ambiente da aula de Arte ser diferenciado, onde é imprescindível que o aluno possa ter acesso a diversas metodologias e

materiais. E sem preocupar-se com o tempo e com a organização da sala para a próxima aula, tendo mais liberdade para criar, para refletir e ampliar sua sensibilidade.

3 A ARTE E O DESENVOLVIMENTO DO SENSÍVEL

Era uma vez, “A menina e a Joaninha”, conta a história: A Joaninha estava na árvore reunida com toda sua família, seus avós, pai e mãe, irmãos e irmãs, tios e tias, e seus primos e primas. Era uma família bem grande. Em uma ponta de galho mais próxima do chão a joaninha estava tranquila até ser surpreendida pela Menina. A Joaninha sentiu o carinho da Menina, e deixou que a Menina aproximasse sua mão, e foi subindo devagarzinho em seus dedos. E assim nasceu uma grande amizade.

Essa história criei pensando em uma sala com tapetes, almofadas e crianças pelo chão escutando e “Imaginando” as joaninhas vermelhas com bolinhas amarelas conversando com a menina. Acredito que um professor/a de Arte não basta ser competente, mas também deve ter sensibilidade para fazer a aula envolvente. E também, saber despertar o lado sensível dos alunos para a criatividade e suas emoções. E a arte esta repleta de sensibilidade, porque, expressa sentimentos, sensações, emoções, com imaginação e criatividade, além de se manifestar individualmente, sobre formas e estilos diferentes.

[...] a arte tem a capacidade de eliminar o olhar automático e pragmático, estabelecendo uma visão que vai além da obviedade e praticidade, que desenvolve a mais profunda percepção. Dessa forma, cada sujeito posicionará seu olhar e desenvolverá seu saber sensível, de acordo com suas singularidades, ideias e vivências, o que proporcionará um grande compartilhamento de visões, o que contribui para o seu crescimento crítico e cultural no meio em que vive. (BOTEGA; PORTOLOMEOS, 2016, p.5).

De acordo com a singularidade de cada sujeito, o saber e aprender se desenvolve conforme a sensibilidade de cada um, ela é que faz com que sejam assimilados os conhecimentos, a capacidade de analisar uma questão e refletir sobre ela nos faz memorizar o que aprendemos. Apesar de vivermos em uma época de grandes avanços tecnológicos, também chamada de geração do milênio ou geração da Internet, a geração atual que faz tudo com rapidez tem preguiça de pensar. E o desafio do professor/a é sensibilizar esses alunos e fazê-los pensar, refletir, interpretar e aprender. Em um estudo de Silvia Sell Duarte Pilotto, intitulado: “Educação pelo Sensível”, a autora cita o pensador e filósofo Kant, para explicar e afirmar a importância do sensível na educação:

Existem duas raízes do conhecimento humano – a sensibilidade, pelas quais os objetos são dados a alguém, e o entendimento, pelos quais os objetos são pensados. Sensibilidade designa a intuição como o modelo de apreensão empírica. Ser sensível é estar sintonizado com a relação entre objetos e situações e compreender esta relação/mensagem, que pode ser explícita ou implícita e que é apropriada e internalizada por nós de forma lógica ou não. (PILOTTO, 2007, p.116).

A educação pelo sensível é antes de tudo conhecer a si mesmo e o mundo ao redor, a forma como vemos o mundo a nossa volta é a forma que direcionamos o nosso caminho. A sensibilidade nos leva a fazer escolhas e essas escolhas é o que somos, ou o que nos tornamos. Em *Crítica da Razão pura* Kant (2001, s/p) afirma que:

A capacidade de receber (a receptividade) representações dos objetos segundo a maneira como eles nos afetam, denomina-se sensibilidade. Os objetos nos são dados mediante a sensibilidade e somente ela é que nos fornece intuições; mas é pelo entendimento que elas são pensadas, sendo dele que surgem os conceitos. Todo pensamento deve em última análise, seja direta ou indiretamente, mediante certos caracteres, referir-se às intuições, e, conseqüentemente, à sensibilidade, porque de outro modo nenhum objeto nos pode ser dado.

Sendo assim a arte possibilita ao aluno desenvolver o seu lado sensível, por meio das várias linguagens, onde através de atividades o coloquem em contato com produções artísticas. Para isso o professor/a de Arte precisa buscar meios de expor sua metodologia de modo que envolva o aluno, mantendo a atenção e concentração para levá-los à construção do olhar sensível. Duarte Junior (2004, p.145), enfatiza que:

Desenvolver a sensibilidade começa na atenção e educação dos sentidos como um todo, alcançando níveis mais complexos de estesia, isto é, a educação do sensível como saber construído pelos sentidos e pelas percepções de si mesmo e do mundo. Nessa conspiração, a arte tem fundamental participação, pois sua apreensão se dá, inicialmente, pela sensibilidade. Portanto, a educação do sensível num todo mais abrangente, no seu gradativo desenvolvimento, conduzirá à educação estética como uma forma de perceber e significar o mundo, refletindo sobre a condição de fazermos parte dele e nele interagir.

A arte abre caminho para possibilitar o olhar sensível do aluno à percepção, para motivar o que é “estética”, essa é a relação da arte com a sensibilidade. Sem a sensibilidade não teríamos esse entendimento, para refletir,

analisar, interpretar e avaliar, e sem esse entendimento não haveria pensamento, somente sentimentos vazios e sem conteúdo.

Assim, a arte pode ser pensada como facilitadora de relações que possam mostrar o sentido da vida às pessoas, mobilizar ordenações e desordenações num conhecer mais profundo de si mesmo, provocar o encontro do mundo interno com o mundo externo, quando atribuímos a devida atenção ao despertar da sensibilidade para com a vida mesma. (DIEHL, 2007, p.146 apud DUARTE JUNIOR, 2004).

Duarte Junior (2004, p.143) fala da relação entre o saber e o sensível, segundo ele “o saber está relacionado com o sensível, que se elabora a partir das experiências sensoriais transformadas em aprendizagem significativa.” Ou seja, educar os sentidos, saber apropriar-se do saber sensível, e a arte está extremamente ligada a esse conhecer e saber, pois por meio dela nos transformamos em nossa existência.

3.1 A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO ESTÉTICA NA FORMAÇÃO DO SUJEITO

A estética contribui para a compreensão da realidade, transcendendo o seu olhar, indo além do que está sendo mostrado é uma forma individual de ver e perceber o que está representado, sem precisar de uma explicação lógica. E o que esta a mostra é o que vemos, mas nem sempre o que percebemos esta a mostra, as imagens são muito mais que fisicamente visuais, elas podem ser sonoras e podem estar contidas no corpo de um texto.

[...] a estética nos dá seu particular testemunho das vivências que surgem das subjacências dos códigos que, originados pela realidade, advêm sobre ela de maneira infinita. Integram, em um mosaico, as partes de uma totalidade em contínuo movimento. Pela imagem e pela estética ascendemos a um modo de conhecimento que nos exterioriza, com sua plasticidade, uma olhada do que existe e que nem sempre os olhos convencionais descobrem: a consciência subjetiva do homem através da imagem-símbolo e da imagem-interpretação, reclamando e denunciando o que é humano, o possível ou impossível da razão. (PILLOTTO apud FERNANDES, 2007, p.123).

A estética está vinculada ao ensino da Arte, e ambas estão vinculadas na sociedade e na cultura. Por meio da estética se pode refletir sobre o mundo e

despertar a sensibilidade. Uma das finalidades do ensino da Arte é a educação estética, para ensinar a refletir e pensar sobre a arte e sobre o mundo. Privilegiando não só o fazer artístico, mas também filosófico sobre o que foi produzido.

A educação estética, neste sentido, apresenta-se como uma das possibilidades de constituir estes novos olhares correspondendo a imperiosa necessidade de acompanhar as mudanças que assistimos e provocamos. Estética porque mobiliza criação. Estética pode sensibilizar apropriações da realidade polifacetada, interpretando-a em suas diferentes formas de apresentação sógnica. Estética porque supera o estético alçando pensares e fazeres a patamares onde se bricolam inovações. (BURIGO et al., 2007, p.13).

Portanto, compreende-se que a estética é um processo de leitura de mundo feita de modo sensível e interiorizada, sendo individual de cada um. A experiência estética se dá por meio de sensações através das observações, do ato da contemplação que leva a reflexão do que está sendo observado ou vivido. Nas palavras de Campos (2007, p.158):

A experiência estética pode ser compreendida como um movimento contínuo e intenso, onde tudo o mais fica esquecido. A sensação que a experiência propicia absorve o ser do sujeito, podendo ter a 'existência' de um rápido momento, mas duradouro na sua repercussão. Ao atingir o seu "clímax", a experiência traz implícito todo um demorado processo de construção anterior.

Bem como as diferentes formas de arte e técnicas de produção artísticas, e sobre o que é considerada belo, a estética na arte tornou-se uma reflexão sobre o belo. A beleza que a arte transparece e a torna apreciável é independente dos conceitos e da lógica do que é belo, e sim da sensibilidade e do sentimento capitado que encontrara uma definição estética dependendo da percepção de cada pessoa.

Ehrenzweig (apud DUARTE JUNIOR, 1981, p.35), que fala sobre a percepção:

Mesmo que as formas que nos cercam sejam realmente caóticas, ainda sim o cérebro projeta nelas uma ordem. De uma miscelânea de pontos o olho (ou, para ser mais exato, o cérebro) escolhe aqueles que se enquadram em alguma estrutura, ou os que poderiam ser interpretados como uma forma humana ou animal. Quando contemplamos as nuvens que passam, a brasa de uma fogueira que se extingue, ou ainda um pedaço de casca rugosa, facilmente projetamos nelas fantasias de forma. E, se a substância formal já

possui alguma ordem em si, o cérebro projetara então uma ordem ainda melhor.

Resumidamente a estética pode ser definida como: o sentimento, a experiência vivida e a simbolização das coisas. Sendo a arte a expressão de sentimentos é também a principal mediadora da experiência estética. A arte é um alimento para a alma, tão importante para o desenvolvimento humano quanto à alimentação é para o corpo. Guiando-nos para a experiência estética, importante para o processo de pensamentos e consciência social. Para Duarte Junior (1981, p.83), “a primeira característica da experiência estética é que nela o homem apreende o mundo de maneira direta, total [...]”, usando como exemplo uma “janela”, ao observá-la, quantas histórias passam por nossa memória, quantas lembranças, quanta imaginação nos toma conta, quantos sentimentos nos envolvem? A experiência dependerá do local em que a janela está instalada e da vivência de quem a observa. Se a janela pertence a uma casa em um bairro isolado, em uma estrada rodeada por árvores e vegetação ou se ela pertence a um edifício na cidade movimentada. Tudo depende de quem e de onde é observada a janela. Depende também do contexto social, da cultura e da época que o observador da janela vive.

Na experiência estética o cotidiano é colocado em parênteses e suspenso. Suas regras são abolidas. Por um momento o princípio do prazer coloca diante de nós a sua criação, que nos envolve carinhosamente. Do seu ventre estéril surge uma nova realidade com que nos embriagamos misticamente. (DUARTE JUNIOR apud ALVES, 1981, p. 83).

Na primeira hipótese em que a janela pertence a uma casa isolada, aonde a família vem passar as férias longe do agito da cidade. Olhando ela fechada observando seus detalhes, o tipo de madeira que foi feita, seu estilo, sua cor, sua beleza, ou a ausência dela e a casa que pertence. “Diz-se que na experiência estética o homem experimenta a beleza. [...] O belo não é uma propriedade dos objetos. Pode-se pensar, então, que a beleza resida exclusivamente em nossa mente.” (DUARTE JUNIOR, 1981, p.84-85). O olhar vê além do que os olhos podem ver, e a janela passa a ganhar vida e virar uma espécie de personagem nos olhos de quem a cria. É agora uma janela triste sem os seus donos para abri-la, sem a moça debruçada sobre ela, sem os pingos de chuva batendo em seus vidros e sem o sol entrando dentro dela. Solitária no silêncio, sem ouvir as canções, as gargalhadas e

os segredos contados. Ou pode ser uma janela muito feliz, decorada por teia de aranhas e vários insetos morando nela, ouvindo o canto feliz dos pássaros, o sopro do vento, a chuva caindo e todo som que se pode ouvir da natureza a sua volta.

Ainda segundo Duarte Junior (1981, p.84), “em termos de percepção estética é que se pode entender o verso do poeta (Fernando Pessoa, em seu heterônimo Alberto Carneiro). Pensar é estar doente dos olhos.” Por isso que na experiência estética o homem apreende o mundo de maneira total, porque uni o conhecimento, a experiência e a lógica com o irreal, criando significado ao objeto observado. Portanto o homem não pensa na “janela” apenas pela funcionalidade que ela exerce, “janela-abrir-fechar”, o observador foge as regras e pensa com sentimento.

3.2 A ARTE COMO PROVEDORA DO SENSO CRÍTICO

A palavra “crítica” vem do Grego “*kritikos*”, que significa “a capacidade de fazer julgamentos”. O senso crítico significa a capacidade de questionar e analisar de forma racional e inteligente, a capacidade que um indivíduo tem de criar sua própria opinião, independente do senso comum. Porém o senso crítico, é diferente do senso comum, tem por base aquilo que é concreto: a pesquisa, a reflexão, a análise e a crítica. Segundo Carraher (2003, p.116):

O pensador crítico não é livre de valores e nem pretende ser. Ele valoriza a coerência, a clareza de pensamento, a reflexão e a observação cuidadosa porque deseja compreender melhor a realidade social, sem o que a ação responsável é condenada ao fracasso.

E o senso comum são as ideias que se desenvolvem em uma sociedade e faz parte da herança cultural de cada povo. O senso comum muitas vezes é passado pela família, pelos amigos, pelo o que é visto na TV e nas redes sociais. Aquilo que circula de forma geral pela sociedade, chegando até nós pela opinião dos outros, sendo assim uma opinião formada pela sociedade, ou seja, sem opinião própria.

O senso comum, enquanto algo que serve de “escudo” ao capitalismo para evitar que as pessoas rebelem-se, é grande empecilho no processo de

construção da consciência crítica, uma vez que estas têm a certeza de estarem em situação de vulnerabilidade social, porque acreditam terem um lugar muito bom reservado a elas por Deus e que o sofrimento faz parte da vida terrena, ou ainda que as coisas sempre foram assim e nunca irão mudar. (GUERRA, 2005, p.28).

O senso crítico também é o principal fundamento da filosofia, e atualmente também, um dos principais objetivos da educação. Mas o senso crítico não significa que temos que deixar de lado nossos sentimentos, pois temos capacidade para saber distinguir o lado emocional do racional. Tanto que muitas vezes utilizamos nosso raciocínio, pensamentos e ideias para justificar certas emoções, e também o nosso raciocínio lógico é influenciado pelas nossas emoções. Por isso é impossível um ser humano ser totalmente racional, portanto ninguém é completamente crítico. Para Duarte Junior (1981, p. 70):

A compreensão racional humana, dada com a linguagem, emerge, pois deste solo de emoções e sentimentos, e vista tornar possível a comunicação de eventos, classificando-os e delimitando-os em conceitos gerais. Porém, deve-se notar, mesmo a linguagem não se separa jamais de suas bases emotivas - não se constitui nunca num instrumento objetivo de comunicação: Isto é: toda comunicação (mesmo científica) exprime, em maior ou menor grau, uma certa parcela de sentimentos do sujeito que a emite.

Portanto, o ensino da Arte é importante para desenvolver o senso crítico, pois a arte leva os alunos a pesquisar, experimentar, criar e refletir sobre a vida. O senso crítico é a capacidade de ver amplamente as questões, de gerar opiniões baseadas em várias possibilidades e argumentos, incluindo o emocional. E o conhecimento é importante para o senso crítico porque ele ajuda a ver as perspectivas possíveis dentro de determinada situação, refletindo e gerando um raciocínio sobre determinada situação.

Sabemos que a arte desempenha diferentes papéis na construção do sujeito e da sociedade, desenvolve várias formas de expressão e estilos diferentes. Sendo a arte um conhecimento que busca a reflexão, a pesquisa, a experimentação, a criatividade, a sensibilidade e o raciocínio, torna-se indispensável para a aprendizagem, para o desenvolvimento do ser humano. Como a arte está sempre em constantes transformações e inovações, pode ser considerada como um dos conhecimentos mais amplos e completos, portanto ela é transformadora da

sociedade e propagadora de senso crítico a todos que nela sejam tocados por seus conhecimentos. Assim, quase todo sujeito que vivenciar a arte em qualquer forma de estilo ou expressão passara a ter uma reflexão científica ou filosófica que o conduzirá a uma experiência sensível e estética que por sua vez o levará ao senso crítico. Sendo que, a arte é uma atividade, criadora aliada ao conhecimento e propicia ao desenvolvimento crítico e sensível do ser humano. Toda essa discussão nos traz uma reflexão de como a experiência do sensível/estética e senso crítico estão intimamente ligados às aulas de Arte, porém isso se torna efetivamente quando possuem um ambiente que propicia a criação e é sobre isso que vamos discutir nos próximos capítulos, como, os ateliês e espaços de exposição nas escolas estimulam a criação entre teoria e prática e traz um contato maior com a sua produção artística.

4 O ESPAÇO ATELIÊ NA ESCOLA

É notório que cada criança se desenvolve e aprende conforme seu ritmo de aprendizagem, portanto cada criança possui habilidades artísticas diferentes. E a arte envolve cada ser em sua individualidade. Em um ateliê o aluno pode ter infinitas experiências por ser um ambiente onde nada está restrito e tem a disponibilidade de materiais variados, promove uma atmosfera de experimentações, de testar coisas diferentes, de pesquisar, de ter curiosidade e vontade de criar o que ainda não existe. Para criar é preciso ter liberdade, nas palavras da educadora Holm (2005, p.9):

- Cinco fatores centrais que não devem limitar: [...] o estar num espaço desafiador; A disponibilidade para o corpo se movimentar livremente; A decisão pessoal da criança de onde ficar na sala; A escolha de materiais pela criança; A oportunidade de experimentar; O controle de tempo; A conversa, o bate-papo; A liberdade da criança para ser ela mesma.

Os ateliês de arte propiciam ao educando a experiência estética e sensível por ser um ambiente liberto de regras que exigem do aluno um comportamento mais condicionado. Sem precisar se preocupar com a organização e limpeza da sala para outras disciplinas ganha-se tempo a mais e perde a ansiedade de saber que a aula já está acabando. O aluno fica mais envolvido na sua criação e esquece-se do tempo.

A vida diária das crianças, os lugares que frequentam e onde permanecem são limpos e arrumados demais. [...] As crianças muitas vezes são obrigadas a criar em salas arrumadas demais. A arrumação estraga a curiosidade, a espontaneidade e o desejo de experimentar – habilidades que as crianças trazem do berço. [...] Mas o problema é que não se pode criar em salas muito padronizadas. Você nunca chega ao artístico, porque isso só acontece quando se está em um terreno deliciosamente instável. (HOLM, 2005, p.14).

Ao pesquisar no livro *Encontros com Arte e Cultura*, encontrei significado para a palavra Ateliê e o que ela representa. Segundo Ferrari (2012, p.160):

Ateliê: um lugar para criar, planejar, pesquisar, conviver com os trabalhos, formar ideias que tomam significados. Cavaletes, tintas, pincéis, ferramentas, máquinas, livros, anotações, trabalhos já realizados, outros a concluir, coisas para se tiver nesse espaço.

Os lugares de criação (Ateliê), também são descritos como um lugar que possibilita-nos misturar aos materiais e instrumentos utilizados na produção artística. Sendo esse local testemunha da criação de muitas obras, possibilitando a cada um criar, e relacionar-se com o mundo sensível e imaginário.

Baseada em uma disposição elementar, num permanente estado de excitabilidade sensorial, a sensibilidade é uma porta de entrada das sensações. Representa uma abertura constante ao mundo e nos liga de modo imediato ao acontecer em torno de nós. (FERRARI, 2012, p.125).

Em uma reportagem intitulada “A classe Vira Ateliê”, publicada na revista Nova Escola, em abril de 2009 a professora Isabel Graciano, formadora de professores do Centro de Educação e Documentação para Ação Comunitária (Cedac), em São Paulo, afirma:

Está na fala dos especialistas, em incontáveis parágrafos dos livros da área e nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte: a criança precisa ter acesso à maior diversidade possível de ferramentas para experimentar seus caminhos artísticos. O problema é que a realidade das escolas está longe desse discurso. No Brasil, poucas instituições dispõem de um ambiente ideal para a aula de Arte ou de verba para compras. (NOVA ESCOLA, 2009, s/p, apud GRACIANO).

Acredito que este seja um dos motivos para uma escola ser chamada de ‘gaiola’, como diz Alves “há escolas que são gaiolas. Há escolas que são asas [...]Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados.” (ALVES apud FERRARI, 2012, p.128).

Vê-se então a importante necessidade de reformular as ações pedagógicas e principalmente remodelar seu espaço escolar, propiciando ao aluno novas experiências ampliando seus conhecimentos. Bom seria para desenvolver a aprendizagem se todas as escolas tivessem salas específicas para cada disciplina, e se tivessem um programa pedagógico dinâmico e flexível. Seria como estudar em uma escola mágica, como aquela em que vemos na série de livros Harry Potter¹, escritos por J.K. Rowling. Acredito que seria assim que os alunos iriam sentir-se.

¹ Harry Potter é uma série de sete romances de alta fantasia escrita pela autora britânica J. K. Rowling. A série narra às aventuras de um jovem bruxo, Harry James Potter, o personagem principal, e seus amigos Ronald Weasley e Hermione Granger, os quais são alunos da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts.

Sabe-se que esse desejo de transformar o espaço escolar em um ambiente mais dinâmico que propicie a criação, e a necessidade de uma reforma pedagógica, já é desejo antigo. Pois, desde que surgiram as pedagogias escola novistas² na década de 1920, já se falava nisso.

Toda essa discussão nos faz entender ainda mais o quanto é favorável um ambiente em que a prática artística aconteça sem limitações de infraestrutura, tornando assim livre o ato de refletir, criar, ler, construir sua ideia e concretizar através da atividade artística. E percebendo assim a importância da arte na sua formação.

De um modo geral, um ateliê de arte pode ser considerado símbolo do fazer artístico. Um espaço de registro criador, experimentação de arte, síntese elaborativa do conhecimento e de despertar de saberes e produções, um lugar de introspecção e extroversão. (CAMARGO, 2010, p.7).

Portanto, o espaço apropriado para o ensino da Arte é importante para ampliar o conhecimento artístico do aluno. Contribuindo para diversificar as metodologias que promovem a formação estética, crítica e sensível. Pois pesquisas desenvolvidas sobre a qualidade e influência no desenvolvimento criativo do aluno em determinado ambiente escolar, afirmam que o espaço físico pode contribuir, para que se fortaleça a produção, a dinâmica, a interação e o conhecimento cultural. Sendo que a cultura anda de mãos dadas com a arte, sendo um dos componentes principais da disciplina.

Os artistas nos dão pistas de como sentem suas experiências estéticas. Nós fruimos por meio dessas pistas vivendo nossas experiências, seja pelo encontro com a pintura, a intervenção urbana, a instalação, a poesia, a escultura, o teatro, a dança, ou com o som e as estrelinhas de uma música. (FERRARI, 2012, p.159).

O artigo de Pós-Graduação em Educação, intitulado Salas de Arte Espaços de formação estética e sensível na escola, da autoria de Carla Carvalho, Aline Amaral Freitas e Adair de Aguiar Neitzel, da Universidade do Vale do Itajaí-SC,

² O ideário da Escola Nova veio para contrapor o que era considerado "tradicional". Os seus defensores lutavam por diferenciar - se das práticas pedagógicas anteriores. No fim do século XIX, muitas das mudanças que seriam afirmadas como originais pelo "escolanovismo" da década de 20, já eram levantadas e colocadas em prática. (UNICAMP-Navegando na História da Educação Brasileira. Glossário P).

foi publicado, um estudo indicando a fragilidade e a ausência dos espaços para o ensino da Arte nas escolas:

Assim, a sala de aula organizada com cadeiras enfileiradas, com as paredes ocupadas de qualquer forma (quando ocupadas), pouco possibilitam a interação com a arte e com os/ as pares, pois a própria estrutura verticaliza o ensino e pouco mobiliza a mediação de saberes, desvalorizando as linguagens da arte. (CARVALHO; FREITAS; NEITZEL, 2014, p.73).

Pode ser observado então, a importância do ambiente da aula de Arte ser diferenciado, onde é imprescindível que o aluno possa ter acesso a diversas metodologias e materiais.

4.1 O ESPAÇO DE EXPOSIÇÃO DE ARTE NA ESCOLA

Cotidianamente nas escolas os alunos expõem trabalhos escolares, que normalmente são cartazes nos corredores e atividades desenvolvidas em folhas A4 expostas nas paredes das salas. Quase sempre quem direciona o local expositivo na sala de aula é a professora regente da turma (no Ensino Fundamental I), que coloca na parede todos os conteúdos trabalhados com a turma. Ocupa cada espaço da sala deixando a parede carregada de informações, visualmente poluído, deixando camuflado trabalhos que poderiam ter mais destaque. E muitas vezes ficam de fora as produções artísticas desenvolvidas nas aulas de Arte, pois os espaços para expor quase sempre estão ocupados.

A forma como são expostas as obras pode influenciar o olhar do espectador. Maneiras inteligentes e criativas de expor provocam atitudes de curiosidade, atraindo a atenção e levando a uma observação mais atenta e cuidadosa. Materiais e espaços inusitados atraem, provocam, estabelecendo um espaço para reflexão. (BUGMANN, 2006 apud OLIVEIRA, 2013, p.25).

Neste quesito é necessário que o corpo docente da escola tenha esclarecimento do que é o espaço expositivo, qual a sua importância e como ele contribui para a construção do conhecimento do aluno, tornando-se assim um espaço que se torne mais eficiente em favor dos alunos. Compreende-se a importância e a necessidade de ter na escola espaços dedicados à exposição das produções artísticas. Sobre isso Leite (2005, p.26) afirma que, “diversificar espaços

é estabelecer um novo código que informara diferentemente o olhar.” E deixar os alunos fazerem parte desse processo, dando-lhes noções de curadoria para organizar o espaço, o tema da exposição e as produções a serem expostas. Pereira (2007, p.11) [...] diz que “os alunos se capacitam a criar soluções para problemas diversos, formular novas hipóteses, reinterpretar velhas proposições.” Esse método proporcionaria experiências significativas aos alunos, de organização interna deste espaço, os materiais, as cores, a iluminação e as sensações. Proporcionaria também à troca de experiências entre os alunos, a cognição, a percepção, reflexões (quanto ao processo de criação), do gosto não gosto, do belo e o feio. Trazendo um novo olhar para as produções expostas. Lavelberg (s/d apud OLIVEIRA, 2013, p.32) fala que:

Uma aprendizagem artística [...] deixará marcas positivas na memória do aprendiz, um sentimento de competência para criar, interpretar objetos artísticos e refletir sobre arte sabendo situar as produções. Além disso, o aluno aprende a lidar com situações novas, inusitadas e incorpora competências e habilidades para expor publicamente suas produções e ideias com autonomia.

Pereira (2007, p.15) nos fala da socialização de saberes, “acredito em uma escola onde se promovam diálogos. Onde a opressão ceda lugar ao desejo e o conhecimento auxilie na transformação da precária condição humana.” Sendo assim, o local expositivo de arte é um local onde o aluno pode se expressar, argumentar, questionar e mostrar a criatividade, Oliveira (2010, p. 54) diz que “os alunos produzem em sala de aula e sentem prazer de expor suas produções, para que assim os colegas possam ver e apreciar sua produção, elogiando a mesma, e possibilitando a valorização de seu empenho.” O aluno sente-se valorizado expondo suas produções e também mais integrado a escola, estimulando o aluno a produzir melhor e dedicando-se mais nas atividades artísticas.

[...] percebe-se que a exposição é um componente fundamental do processo artístico e como pode ser utilizada para propiciar esse momento importante de comunicação. A exposição das produções artísticas dos alunos além de valorizar as atividades artísticas desenvolvidas dando-lhes um propósito evitando o fazer por fazer, ainda possibilita esse momento importante de interação [...]. (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2008, p.33).

Além de montar um local para exposição de arte na escola poderiam alternar este espaço convidando os alunos a fazer a elaboração de uma instalação e performances de arte nesse espaço. Lembrando que, Tanto a performance como a instalação poderiam percorrer todos os espaços em comum acordo com as normas da escola. Essa seria uma forma instigante de ensinar arte contemporânea aos alunos e de fazer compreende-la melhor. Abrir esse espaço para a arte beneficiaria não só os alunos, mas também toda comunidade escolar, propiciando o gosto pela arte. Os pais, familiares e responsáveis pelos alunos ao irem à escola poderiam ver as produções dos alunos, as instalações e performances daquele momento. Os alunos ampliariam o seu repertório artístico e cultural, aprimorando o gosto pela apreciação e para a leitura de imagens.

A intervenção no cotidiano faz a obra ser vista. Assim uma das grandes finalidades da exposição dos trabalhos artísticos dos alunos consiste em propor às pessoas que parem, observem, analisem e construam a sua concepção sobre arte. Olhar, analisar, comparar e refletir constitui já um exercício de leitura de Imagem. A familiarização com a exposição, a atitude de observador permite uma naturalização do costume de visitar exposições facilitando a procura ou aceitação dessa atividade até fora do contexto escolar. (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2014, p.20).

A escola é um dos ambientes que acolhe crianças e adolescentes de várias idades, por isso, é preciso pensar em possibilidades de espaço para exposição como um local que beneficie e que possa ser visto por todos. Valorizando as produções dos alunos e favorecendo a apreciação. Sendo importante oportunizar expor todas as linguagens da arte. O espaço expositivo também pode se estender para o lado de fora da escola utilizando os seus muros, calçadas, arvores e postes como forma de intervenções artísticas. Envolvendo os alunos, até a comunidade.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

O município de Sombrio possui nove escolas municipais que atuam com as séries iniciais até o Ensino Fundamental II. A pesquisa que agora apresento foi realizada em todas as escolas municipais por meio de um questionário com três perguntas que envolviam o tema: os espaços de arte nas escolas. Das 9 escolas envolvidas na pesquisa 7 foram realizadas de forma presencial e 2 por telefone devido a dificuldade de chegar no local. As escolas Campo D' Água e Sanga da Toca são escolas de campo isoladas da cidade, nestas escolas a pesquisa foi realizada por meio de uma ligação telefônica, com nome das diretoras e número de celular disponibilizado pela secretária da Educação de Sombrio-SC. Ambas as escolas não possuem sala específica para aula de arte e nem local próprio para expor as obras dos alunos. A Professora Pedagoga é quem dá às aulas de artes nas duas escolas, e quem me passou as informações. Segundo a professora pedagoga, ambas as escolas tem pouco espaço, a escola Campo D' água, no período da manhã as aulas são para 2 e 3 ano, e a tarde tem o pré e o 1 ano. A sala é dividida entre duas turmas. A escola Sanga da Toca tem o mesmo sistema e agora passa por uma reforma. A professora participou da entrevista apenas com uma única resposta afirmando que se tivesse um ateliê na escola, proporcionaria aos alunos a desenvolver mais a criatividade, aprender mais coisas e terem novas experiências. As 9 professoras que obtive a entrevista presencial são identificadas pelas letras A, B, C, D, E, F, G e H.

As perguntas elaboradas para a pesquisa foram as seguintes: 1) Você acredita que ter um espaço (Ateliê) que propicia ao aluno manusear diferentes materiais amplia sua capacidade de criação/fruição na disciplina de arte? 2) Em sua trajetória como docente já teve a experiência de atuar em escolas que possuíam e as que não possuíam este espaço? Relate sua experiência. 3) Na escola que você atua tem um espaço de exposição para a produção dos alunos e você vê como extremamente importante este lugar específico para a arte? E/ ou onde você expõe as produções dos alunos?

Na primeira pergunta todas as professoras entrevistadas concordam que o espaço apropriado para a aula de arte estimula a criatividade e a curiosidade do aluno e propicia a liberdade de expressão. Porém destacamos a resposta da

professora G, que enfatiza: *“Com certeza! É muito importante que se tenha esse espaço para que o aluno possa interagir criar e fazer arte. Porém é uma pena que são poucas as escolas que oferecem esse espaço para os profissionais de arte.”* E também a resposta da professora A: *“Sim, o espaço faz diferença na criatividade do aluno, pois com o ateliê o aluno poderá desenvolver com mais liberdade de expressão as suas produções.”* Diante da resposta da professora G lembramos da educadora dinamarquesa Holm (2005, p.9-12) que afirma:

[...] percebemos que os ambientes que oferecemos às nossas crianças não têm história. Ambientes nus, bonitinhos, em ordem – sem sensualidade. [...] Se dermos às crianças a mesma liberdade no processo artístico que lhes damos em suas brincadeiras, as crianças chegarão a excelência no aprimoramento do processo criativo. [...] Espaço livre e ausência de limitações são as minhas palavras-chave para a oficina experimental de arte.

Partindo para a segunda pergunta no qual foi questionado sobre a experiência durante a docência de ter ou não um espaço de ateliê nas escolas que já atuou, das 8 professoras apenas três tiveram essa vivência de ateliê. Que foram as professoras A, E e H no qual descrevo as respostas: professora A: *“Sim, já tive a experiência de ter uma sala de artes e poder realizar exposições na própria sala de artes. Hoje, não tenho a sala de artes e um local adequado para realizar exposições, atualmente faço na própria sala do aluno.”* A professora E: *“Minha experiência foi nos dois. Já trabalhei onde não tem sala e é muito tumultuado. Pois quando tem atividade com materiais diferentes tem que levar para a sala e depois com a troca de aula acaba dando um tumulto para a organização. Já com sala ambiente a atividade com materiais diferentes é mais acessível, tudo fica no mesmo lugar e não precisa estar se deslocando buscando algo que já faltou.”* A professora H: *“Já trabalhei em várias escolas que não tem este espaço, e trabalhei em uma onde dividia a sala com outra professora de artes; O rendimento nas aulas de arte nesta escola que possui o espaço de ateliê de artes é de melhor qualidade e possibilidade de produzir com materiais diversificados é possível. Em escolas que não tem o espaço de ateliê limita em muito explorar as linguagens artísticas.”*

Por meio destas respostas percebemos a importância desse espaço para a fruição estética do aluno, pois como vimos nas respostas das professoras a experiência acontece na sua essência, pois o espaço estabelece uma comunicação

muito mais ampla do aluno com o seu fazer artístico, pois sabemos que o conhecimento humano, acontece por meio de sentimento (vivência). (DUARTE JR, 1995). Analisando a mesma pergunta para com as professoras que não tiveram a experiência de trabalhar no espaço ateliê para aula de artes, percebemos o quanto o contato com materiais bem como a criatividade se tornam mais distantes quando o ambiente não favorece a criação. Salles (2014, p.36) afirma que a criação e construção de ideias acontecem de forma contínua “em um ambiente de total envolvimento.” Dentre as 5 professoras que não possuem desse espaço, as professoras C e D relatam: A professora C: *“Sim, tive experiências bem negativas por não possuir um espaço e principalmente materiais para trabalhar.”* E a professora D: *“Sim, trabalhar em escola que não possui espaço específico é frustrante, pois, as atividades mais atraentes exigem materiais diversos e não temos onde guarda-los o que acaba por inibir a criatividade dos alunos.”* Segundo Duarte Junior (1995, p. 84), “a função primordial da arte é objetivar o sentimento de modo que possamos contemplá-lo e entendê-lo. É a formulação da chamada experiência interior da vida interior. [...]”

Fragoso (2010, p.191) corrobora afirmando:

O ateliê está exposto a uma grande cartela de opções propicia não só um maior conhecimento prático, mas capacidades cognitivas para manipulação das várias linguagens artísticas. Dos suportes tradicionais, bidimensional, para suportes mais elaborados onde possam explorar diferentes formas de espacialidade, despertando o interesse para a produção contemporânea de Arte.

A terceira pergunta que é a última questão da pesquisa que indaga sobre a importância do espaço para a exposição artística dos alunos, 6 professoras responderam que a escola não dispõe de um local específico para expor a arte dos alunos. As professoras A, D, F, G e H, relatam: A professora A: *“Não tem local somente para exposições. O lugar seria essencial se a realidade não fosse ao contrario do que imaginamos. Com certeza é importante e seria gratificante olhar os olhos dos alunos cheios de curiosidade ao apreciar uma exposição. Tento utilizar os espaços da qual, é permitido usar (sala de aula dos alunos, dependendo do trabalho coloco no corredor, pois é um corredor aberto, e coloco no teto de alguns locais da escola).”* A professora D: *“As escolas em geral não possuem espaço para exposição.”*

Na verdade a escola é o espaço da exposição. Geralmente as exposições dos trabalhos são feitos nas paredes das salas de aula, bem como no refeitório.” A professora F: *“Não possui um espaço adequado, procuro expor nas paredes das salas de aulas.”* A professora G: *“Não, nas escolas onde trabalho não temos um espaço específico para a apresentação dos trabalhos dos alunos, porém eu sempre tento colocá-los nas paredes de modo que os outros alunos e professores possam ver e apreciar. Mas seria um fator importantíssimo, não só para a disciplina de arte, como para as demais também!”* E a professora H: *“Na escola onde trabalho não temos espaço de exposição. Acredito ser de extrema importância este espaço específico para expor as produções artísticas. Exponho algumas produções nos corredores da escola e nas salas de aula, porém a maioria das produções não são expostas pois a logística da escola e o pouco tempo de aula dificulta a organização da exposição dos trabalhos.”*

A importância desses espaços dentro das escolas e instituições, bem como a importância de uma contínua formação de educadores, é fundante para facilitar, provocar e convocar o acesso à educação dos sentidos pelos sentidos: maneiras de inteligibilizar nossa sensibilidade e sensibilizar nossa inteligência. (DERDIK, 2011, s/p).

Ainda analisando a última questão podemos afirmar que é de extrema importância que as escolas disponham de local apropriado para a exposição artística dos alunos, pois o espaço de exposição amplia o conhecimento em arte, o conhecimento crítico e cultural. Além de propiciar a contribuição para a criatividade, à percepção estética, o olhar sensível e a valorização da arte.

Das 8 professoras entrevistadas, 2 professoras relataram ter espaço de exposição na escola em que atuam. A professora C apenas relata sem detalhar: *“Nossa escola tem sala para arte e a escola tem locais para expor os trabalhos.”* Porém a professora E enfatiza o quanto é importante no processo de criação a criança ter um espaço propício para as atividades: *“Na escola existe um espaço para expor os trabalhos, isso ajuda a valorizar a atividade. Alguns trabalhos são colocados na sala também, já que na sala passa todas as turmas e eles apreciam os trabalhos dos colegas das outras turmas.”*

Nas palavras de Arslan e Iavelberg (2006, p.44) a importância de um espaço para a criação contribui muito para o real envolvimento do aluno com sua produção:

O ateliê coloca os alunos em contato com o processo artístico de criação: desenhos inacabados, ideias em suspensão, dúvidas, pinturas antigas e recentes, obras embaladas, catálogos e tudo o mais que um ateliê oferece. Muito diferentes entre si, os ateliês são espaços privilegiados para qualquer aprendiz.

Fragoso (2010, p.191) enfoca ainda que:

A criação de ateliês para o desenvolvimento de atividades de artes visuais nas escolas propicia às crianças e aos jovens estudantes a possibilidade de expressarem-se num ambiente adequado, que atenda às necessidades específicas das atividades desenvolvidas.

Por meio das respostas das entrevistas, podemos evidenciar o quanto um espaço adequado de arte propõe várias formas de trabalhar e de criação, pois além da teoria, a prática se faz necessária no processo de ensino aprendizagem.

Vimos também o quanto se torna valoroso quando se existe um espaço em que possa manusear vários outros tipos de materiais e trabalhar as linguagens, que muitas vezes se torna limitado quando o espaço não é adequado para a prática, pois ali será sempre o espaço em que os educando promovem sua criação, ou seja, o espaço prático para a sua construção de conhecimento.

6 PROJETO DE CURSO

TITULO: INTEGRANDO ESPAÇOS DE ARTE NAS ESCOLAS

EMENTA: Formação de professores, discussão da arte e seu espaço, ARTES Visuais – Licenciatura.

PROPOSTA DA CARGA HORÁRIA: 8 horas.

PÚBLICO ALVO: Coordenadores da secretaria de educação do Município de Sombrio e professores de arte. Pedago

JUSTIFICATIVA

A análise dessa pesquisa nos fez perceber a necessidade de um espaço onde os alunos possam interagir com materiais diversificados e um ambiente que propicie contato com seu universo estético. Nas entrevistas identificamos a necessidade que os professores sentem que os alunos precisam desse espaço para criação. Temos uma realidade que não contribui muito para a valorização do ensino da arte. Fragoso (2010, p.191) enfatiza que:

A criação de ateliês para o desenvolvimento de atividades de artes visuais nas escolas propicia as crianças e aos jovens estudantes a possibilidade de expressarem-se num ambiente adequado, que atenda às necessidades específicas das atividades desenvolvidas.

O intuito desse curso seria de desenvolver um planejamento a fim de buscar recursos para a construção de ateliês e espaço local específico para expor a arte dos alunos nas escolas que necessitam. Pois é necessário que os professores abram essa discussão juntamente com a direção da escola e coordenadores da secretaria de educação mostrando a importância do ensino da arte no processo de construção do conhecimento do aluno.

A respeito disso, referenciamos Barbosa (1991, p.6-7) que afirma:

Como a matemática, a história e as ciências, a arte tem domínio, uma linguagem e uma história. Constitui-se, portanto, num campo de estudos específicos e não apenas em meio à atividade. [...] a arte-educação é epistemologia da arte e, portanto é a investigação dos modos como se aprende arte nas escolas de 1º grau, 2º grau, na universidade e na intimidade dos ateliês.

Com este olhar é possível trazer uma compreensão aos participantes que a arte esta diretamente ligada no desenvolvimento cultural dos alunos e a produção artística, trazem aos alunos um significado sobre o processo de ensino aprendizagem. Dentro de um espaço que possibilita a criação, a interação professor e aluno se tornam ainda mais concreta, “ambos assim se tornam sujeitos do processo que crescem juntos.” (FREIRE, 1987, p.68).

OBJETIVO GERAL

Propiciar um momento de discussão sobre a importância de um espaço de arte e seu papel na construção do conhecimento do aluno.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compartilhar as respostas dos questionários feito com os professores da rede municipal de Sombrio-SC;
- Apresentar os estudos realizados nessa pesquisa que mostra os pontos positivos quando se tem um espaço ateliê;
- Despertar neste encontro a necessidade de uma maior valorização em relação ao ensino da arte nas escolas.

METODOLOGIA

Primeiramente recepcionarei os professores e coordenadores da secretaria de educação, em seguida me apresentarei como acadêmica do curso de Artes Visuais e explicarei o objetivo do curso. Em seguida compartilharei os questionários que foram feito com as 9 professoras da Rede Municipal de Sombrio-SC, abrindo assim uma discussão sobre a realidade das escolas em relação ao

espaço existente para o ensino da arte. Logo após a discussão, entregarei a todos os participantes o texto intitulado: A energia criativa natural; do livro “Fazer e Pensar Arte” da arte educadora dinamarquesa Anna Marie Holm. Como a intenção falar de uma realidade local, as professoras convidadas para este curso serão as que foram entrevistadas, porem cada uma terá um espaço para relatar sua realidade e mostrar a necessidade de um ambiente adequado para as aulas de arte. No segundo encontro trago como proposta uma saída de campo para UNESCO, nos ateliês do curso de artes visuais com o objetivo dos participantes conhecerem os espaços e conversar com os professores que utilizam os ateliês para refletir sobre a importância de um espaço para criação. Após toda explanação trarei como proposta aos coordenadores da secretaria de educação um documento que proponha um compromisso para com o ensino da arte e a necessidade do espaço para as aulas de arte.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem do ensino da arte: Anos oitenta e novos tempos.** São Paulo: Perspectiva. Porto Alegre: Fundação lochpe, 1991.

FRAGOSO, Maria Luiza. Licenciatura em Artes Visuais: 2º semestre. Therese Hofmann - Gatti - Brasília: UAB. UnB, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários a Prática Educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1987.

7 CONCLUSÃO

Através do trabalho realizado, no qual foi abordada a questão da importância do ateliê para as aulas de Arte e também o espaço para exposição de nas escolas. Buscou analisar se esses espaços promovem mudanças na formação crítica, estética e sensível dos alunos. Na pesquisa realizada com as 8 professoras de Artes, das 9 escolas municipais de Sombrio-SC, constatou-se através do questionário aplicado, a necessidade desses espaços nas escolas entrevistadas. Refletindo acerca de tudo o que foi investigado, dos dados obtidos e do problema de pesquisa (Os espaços de arte, ateliê e espaços de exposições, nas escolas, promovem mudanças na formação crítica, estética e sensível dos alunos?).

Ficou claro mediante as respostas das professoras entrevistadas que o espaço apropriado para a aula de Arte estimula a criatividade e a curiosidade do aluno e propicia a liberdade de expressão. Percebendo que, o ambiente que se tem na maioria das escolas para as aulas pouco favorece o desempenho dos alunos e a criatividade.

Com as professoras envolvidas na pesquisa foi possível ver com clareza a diferença nas aulas de Arte nas escolas que dispõe de sala ateliê. Constatando a importância desse espaço para a fruição estética do aluno, pois o espaço estabelece uma comunicação muito mais ampla do aluno com o seu fazer artístico. Percebemos que nas escolas que não tem ateliê de arte, o contato com materiais bem como a criatividade se tornam mais distantes quando o ambiente não favorece a criação.

Quanto ao espaço de exposição para as produções artísticas temos uma realidade que ainda não há local apropriado para este fim, pois das nove escolas pesquisadas apenas uma professora afirmou ter local específico para exposição, porém este espaço encontra-se nas paredes dos corredores das salas de aula. As demais escolas expõem as obras dos alunos de acordo com a logística da escola. Constatando, que, a maioria dos trabalhos são expostos nas paredes dentro da sala de aula, quando pode ser feito isso. Pois tem que entrar em comum acordo com outros/as professores/as. Podemos afirmar que é de extrema importância que as escolas disponham de local apropriado para a exposição artística dos alunos, pois o espaço de exposição amplia o conhecimento em arte, o senso crítico e cultural. Além de propiciar a contribuição para a criatividade, à percepção estética, o olhar sensível

e a valorização da arte.

Tendo como objetivo desta pesquisa analisar como é o ensino da Arte nas escolas que dispõem de ateliê e espaços de exposição, e a sua contribuição para a formação do aluno, buscando analisar se há diferença das escolas que não dispõem de local para exposição e sala específica para aula de arte. Analisando os dados obtidos nesta pesquisa que um espaço apropriado para as aulas de arte torna o ensino ainda mais significativo para o aluno pelas possibilidades de contatos com materiais e um espaço que contribuiu para a produção.

Mediante o resultado da pesquisa foi apresentado então uma sugestão de curso destinado a professores/as de Arte, aos coordenadores das escolas e Secretaria de Educação de Sombrio –SC, com o propósito de conhecer a realidade das escolas e ouvirem a voz dos professores que estão dia a dia nas escolas percebendo a necessidade de um espaço uma vez que a disciplina de Arte é uma disciplina de conhecimento que além de formar o aluno, o ensino da Arte amplia caminho em relação o olhar para a cultura e a interpretação da história de determinado grupo.

Conclui-se nesta pesquisa a importância da valorização do ensino da Arte e conseqüentemente ter nas escolas um espaço para que a metodologia venha a contribuir ainda mais significativamente na aprendizagem, pois, a maioria das pessoas têm acesso a arte somente nas escolas, sendo assim, nas palavras de Barbosa (1991, p.33), “a escola é a instituição pública que pode tomar o acesso à arte possível para a vasta maioria dos estudantes de nossa nação”, com isso percebe sua relevância na vida das pessoas, bem como seu papel na formação do senso crítico e olhar sensível dos educandos.

REFERÊNCIAS

ARSLAN, Luciana Mourão; IAVELBERG, Rosa. **O Ensino de Arte**. São Paulo: Thomson Learning, 2006.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem do ensino da arte: Anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva. Porto Alegre: Fundação lochpe, 1991.

BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e mudanças do ensino da arte**. (org.). 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BOTEGA, Simone; PORTOLOMEOS, Andréia. **O desenvolvimento do saber sensível no sujeito inserido na escola através da literatura e da fotografia artística**. 2016. Disponível em: <http://ich.pucminas.br/pged/simposio/pdf/STs/ST6/Poster/ST6_P4.pdf>. Acesso em: 07 set. 2016.

BURIGO, Fabíola Cirimbelli. ZANELLA, Andréia Vieira. COSTA. MAHEIRE, Kátia. SANDER, Lucilene. DA ROS, Sílvia Zanatta. **Educação estética e constituição do sujeito: reflexões em curso/** Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2007.

CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz. **Ateliê de arte na escola: percursos dialógicos entre o espaço vazio e o espaço a ser apreendido**. Uberlândia, MG, 2010.

CAMPOS, Neide Pelaez. A construção do olhar estético-crítico do educador das séries iniciais do ensino fundamental. In: ZANELLA, Andréia Vieira et al. (org). **Educação estética e construção do sujeito: reflexões em curso**. Florianópolis, 2007, p.158.

CARRAHER, David W. **Senso Crítico: do dia-a-dia às ciências humanas**. São Paulo: Pioneira Thomsom Learning, 2003.

CARVALHO, Carla; FREITAS, Aline Amaral; NEITZEL, Adair de Aguiar. **Salas de Arte Espaços de formação estética e sensível na escola**. 2014. Disponível em: <http://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/ESC42_07CarlaCarvalho.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2016.

DERDYK, Edith. O espaço da criação e a criação do espaço: arte na escola, no museu, em casa. **Revista Emília: Leitura e Livros para Crianças e Jovens**. Set. 2011. Leituras. Disponível em: <<http://www.revistaemilia.com.br/mostra.php?id=21>>. Acesso em: 19 out. 2016.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. São Paulo: Cortez. Autores Associados. Uberlândia Minas Gerais. Universidade de Uberlândia, 1981/1995.

DUARTE JUNIOR, João Francisco; DIEHL, Viviane. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 3. ed. Curitiba: Criar, 2004. Disponível em:

<<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/2204/2173> Acesso em: 28/09/2016 às 22h14.

FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERRARI, Solange dos Santos Utuari. **Encontros com Arte e Cultura**. 1. ed. São Paulo: FTD, 2012.

FRAGOSO, Maria Luiza. **Licenciatura em Artes Visuais: 2º semestre**. Therese Hofmann (org.). Gatti-Brasília: UAB. UnB; 2010.

FRANGE, Lucimar Bello. **Inquietações e mudanças do ensino da arte**. (org.) 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GRACIANO, Isabel. BIBIANO, Bianca. **A classe vira ateliê**. 2009. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/arte/pratica-pedagogica/classe-vira-atelie-432062.shtml>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

GUERRA, Janaina da Silva. **Do senso comum ao conhecimento crítico o (a) trabalhador (a) social na incubação de cooperativas populares**. 2005. Disponível em: <http://antares.ucpel.tche.br/nesic/dissertacao_janaina.pdf/>. Acesso em: 27 set. 2016.

HOLM, Anna Marie. **Fazer e pensar arte**. Publicado pelo “Museu de arte moderna de São Paulo”, 2005. (Conforme acordo com “av form”).

KANT, Emmanuel. **Crítica da Razão Pura/Estética transcendental 1**. 2001, Disponível em: <www.ebooksbrasil.org/eLibris/critica.html>. Acesso em: 15 set. 2016.

LEITE, Maria Isabel F. Museus de Arte: Espaços de Educação e Cultura. In: LEITE, Maria Isabel F. OSTETTO, Luciana E. **Museu, educação e cultura: encontros de crianças e professores com arte**. Campinas, SP: Papirus, 2005.

MAGALHÃES, Ana Del Tabor Vasconcelos. **Inquietações e mudanças do ensino da arte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

OLIVEIRA, Cláudia Mara de Souza. **Arte no cotidiano escolar: um estudo sobre as exposições das produções dos estudantes da rede pública municipal de Criciúma - SC**. 2010. 69 f. TCC-Graduação em Artes Visuais - Licenciatura - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2010 Disponível em: <<http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/00004B/00004B2F.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2016.

OLIVEIRA, Danieli Rocha de, **O espaço expositivo das produções artísticas dos alunos nas escolas do município de Maracajá**. 2013. TCC-Graduação em Artes Visuais - Licenciatura - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2010 Disponível em:

<<http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/2260/1/Danieli%20Rocha%20de%20Oliveira.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2016.

PEREIRA, Katia Helena. **Como usar artes visuais na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2007.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. **Educação pelo sensível**. 2007. Disponível em: <gorila.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article>. Acesso em: 20 abr. 2016.

PORTAL EDUCAÇÃO. **A arte e sua influencia na sociedade e na cultura**. Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/educacao/artigos/10635/a-arte-e-sua-influencia-na-sociedade-e-na-cultura>>. Acesso: 27 ago. 2016.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. 6. ed. São Paulo: Annablume, 2014.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa**: projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hackers Editores, 2001.


SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Proposta Curricular da Rede Municipal de Criciúma**: currículo para a diversidade: sentidos e práticas. Organizadores: Jádina Mara Dandolini Tasca, Maria Albertina Donato, Maristela dos Santos Machado. – Criciúma, SC, 2008.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Prefeitura Municipal de Indaial. **Revista de Relatos de Experiências em Arte**. N.1. Indaial: SED, 2014. Disponível em: <http://artenaescola.org.br/uploads/livros/revista/Revista_Relatos_de_Experiencias_em_Arte_jun2014.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2016.

TOURINHO, Irene. **Inquietações e mudanças do ensino da arte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

APÉNDICE (S)

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO

	UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA
---	--

TEMA: Os espaços de arte nas escolas: ateliê e espaços de exposição

OBJETIVO: Analisar como é o ensino da Arte nas escolas que dispõe de espaço de exposição, e a sua contribuição para a formação do aluno, buscando analisar se há diferença das escolas que não dispõe de local para exposição e sala específica para a aula de Arte.

QUESTIONÁRIO


- 1) VOCÊ ACREDITA QUE TER UM ESPAÇO (ATELIER) QUE PROPICIA AOS ALUNOS MANUSEAR DIFERENTES MATERIAIS AMPLIA SUA CAPACIDADE DE CRIAÇÃO/FRUIÇÃO NA DISCIPLINA DE ARTE?

- 2) EM SUA TRAJETÓRIA COMO DOCENTE JÁ TEVE A EXPERIÊNCIA DE ATUAR EM ESCOLAS QUE POSSUÍAM E AS QUE NÃO POSSUÍAM ESTE ESPAÇO? RELATE SUA EXPERIÊNCIA?

- 3) NA ESCOLA QUE VOCÊ ATUA TEM UM ESPAÇO DE EXPOSIÇÃO PARA A PRODUÇÃO DOS ALUNOS E VOCÊ VÊ COMO EXTREMAMENTE IMPORTANTE ESTE LUGAR ESPECÍFICO PARA A ARTE? E/ OU ONDE VOCÊ EXPÕE AS PRODUÇÕES DOS ALUNOS?

ANEXO (S)

ANEXO A - AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA

	<p>UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA</p>
---	---

Eu, (NOME), _____ (ESTADO CIVIL),
 _____(PROFISSÃO), _____ portador(a) da
 carteira de identidade nº (NÚMERO), _____ expedida pelo (ÓRGÃO
 EXPEDIDOR), _____inscrito(a) no CPF sob o nº (NÚMERO)
 _____, residente e domiciliado(a) no (ENDEREÇO),

autorizo, de forma expressa, o uso e a reprodução de minha imagem, do som da
 minha voz, sem qualquer ônus, em favor da pesquisa do acadêmico(a) Michele
 Rodrigues da Rocha, Curso de Artes Visuais da UNESC sob orientação da Prof^a.
 Isabel Cristina Marcilio Duarte, para que o mesmo os disponibilize como dados da
 pesquisa de campo em seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima
 descrito sem que nada haja a ser reclamado a qualquer título que seja sobre direitos
 à minha imagem, conexos ou a qualquer outro.

Local e data: _____

Assinatura: _____

Identificação na pesquisa:

Destaque abaixo o nome que gostaria de ser identificado na pesquisa.

ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE

Estamos realizando a coleta de dados para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Os espaços de arte nas escolas: ateliê e local de exposição. O (a) sr(a): _____ (Ex: secretário de

cultura, Diretor de Escola) Diretor da _____ (Secretaria, Escola, Instituição) foi plenamente esclarecido de que autorizando a coleta de dados desse projeto na (nome da turma ou série ou escola), estará participando de um estudo de cunho acadêmico, que tem como um dos objetivos: Analisar como é o ensino da Arte nas escolas que dispõem de ateliê e espaços de exposição, e a sua contribuição para a formação do aluno, buscando analisar se há diferença das escolas que não dispõem de local para exposição e sala específica para aula de arte.

Embora o (a) sr(a) venha a aceitar a participar neste projeto, estará garantido que a unidade escolar no qual representa poderá desistir a qualquer momento bastando para isso informar sua decisão. Foi esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro o (a) sr (a) não terá direito a nenhuma remuneração. Desconhecemos qualquer risco ou prejuízos por participar dela. Os dados referentes a unidade escolar serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 196/96 sendo que o (a) sr (a) poderá solicitar informações durante todas as fases do projeto, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

A coleta de dados será realizada pela acadêmica Michele Rodrigues da Rocha, telefone: 98177736, da 8ª fase de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC orientada pelo professor(a): Izabel Cristina Marcilio Duarte, telefone:

Criciúma (SC) ____ de _____ de 2016.

Assinatura do Responsável pela Unidade Escolar e/ou Instituição